

Cotidiano e Período Histórico

Everyday Life and Historical Period

Glauber Ormundo Dias MARTINS¹

Resumo

Este artigo percorre os conceitos de modernidade e hipermodernidade fazendo uso de análises da vida cotidiana. Assim, a vida do homem ordinário se torna essencial para pesquisa científica, com possibilidade de diversos objetos. Deste modo, o artigo explora desde a dinâmica das cidades, observadas por Benjamin (2006), até o conceito de cultura-mundo, analisada por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2011).

Palavras- chave: Modernidade. Hipermodernidade. Cotidiano. Mundo. Cultura.

Abstract

This article use the conceits of modernity and hiper-modernity in perspective of everyday life. In this way, the ordinary man's life became essential for scientific researchs, with many objects possible. In this perspective the text shows the changes of the cities, by Benjamin(2006), until the concect of world- culture, from Gilles Lipovetsky and Jean Serroy(2011).

Keywords: Modernity. Hiper-modernity. Everyday. World. Culture.

Introdução

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o cotidiano com base no estudo de autores que discorrem sobre o assunto. Tem como objetivo problematizar o tema por meio de dois períodos históricos: modernidade e hipermodernidade, considerando o modo como a vida cotidiana lidou com a tensão entre tempo e espaço. O procedimento metodológico consiste em mostrar como Walter Benjamin (2006) problematizou a

¹ Graduado em ciências sociais pela UNIFESP e mestrando em ciências sociais pela PUC-SP. E-mail: go.martins@uol.com.br

modernidade, por meio das passagens que surgiram em Paris no século XIX, por conseguinte abordarei a contemporaneidade por meio da ideia de cultura-mundo dos autores Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2011); e, por fim, a configuração de uma sociedade em Rede sobre uma nova visão da relação entre tempo e espaço conforme os estudos de Manuel Castells (2003). Nas considerações finais, apresento uma reflexão sobre as ideias tratadas pelos autores com base no homem ordinário de Michael de Certeau(1998).

Benjamin e o século XIX

Walter Benjamin (2006) em seu artigo intitulado Paris, a Capital do século XIX discorre sobre o surgimento das passagens na cidade, relacionando-o a duas condições: econômica e expansão das ferrovias. Quanto à condição econômica, o autor explica que pela conjuntura favorável para a indústria têxtil, tem-se a necessidade de pequenos burgueses exporem os seus produtos. Além desse fator econômico, tem-se a segunda condição que está relacionada à expansão das ferrovias. Sobre isso, o autor enfatiza que as primeiras construções de ferro trouxeram a possibilidade de uma arquitetura que pudesse renovar o espírito da Grécia antiga.

A junção desses dois fatos históricos, interfere significativamente nas passagens e revela como lugar privilegiado em que a Paris moderna se mostra, conforme Walter Benjamin demonstra ao citar um guia ilustrado de Paris que referia-se à cidade como sendo uma passagem com os seguintes dizeres: “Tal passagem é uma cidade, um mundo em miniatura “ (BENJAMIM, 2006, p.40), sendo um mundo em miniatura, as passagens acabam simbolizando as questões problematizadas pelo método dialético histórico, das quais Benjamin possui forte influência, porém, com um foco em outros momentos da vida cotidiana e não na relação capital e trabalho.

Por exemplo, a ideia de que as passagens acabam virando tanto casa quanto rua, não tendo as suas causas sociais claras na medida em que ela se apresenta na realidade, são uma demonstração clara, para Benjamin, do fetichismo da mercadoria apontada por Marx ao analisar as relações de trabalho, no qual a mercadoria não demonstra claramente as relações sociais de trabalho que a geraram.

Porém, a principal análise marxista de Benjamin está relacionada ao entendimento do autor em ver nas passagens um desejo de uma futura sociedade sem classes, percebendo que nas imagens que são produzidas na Paris do século XIX estão o desejo de superar e transfigurar as imperfeições de um produto social. De certo modo, parece um novo modo de dizer que toda coisa tem a sua antítese e dessa tensão virá uma nova síntese, só que dessa vez, o foco não está no mundo do trabalho e sim na vida cotidiana, sobre isso Benjamin diz:

No sonho, em que diante dos olhos de cada época surge em imagens a época seguinte, esta aparece associada a elementos da história primeva, ou seja, de uma sociedade sem classes. As experiências desta sociedade, que têm seu depósito no inconsciente do coletivo, geram, em interação com o novo, a utopia que deixou seu rastro em mil configurações da vida, das construções duradouras até as modas passageiras” (BENJAMIN, 2006, p. 41).

De certo modo, Benjamin faz um ótimo trabalho etnográfico para se entender a relação tempo e espaço dentro do século XIX. Nesta etnografia, podemos perceber que o controle do ferro, assim como a produção do têxtil e a maneira como o comércio se organizou em um determinado tempo, fez surgir novos espaços, um deles são as passagens e o outro são os *intérieurs*.

Para Benjamin, pela primeira vez na história, o espaço em que se vive não corresponde ao centro da vida do trabalho, sendo que este se dá nos escritórios. Nos escritórios, o homem moderno deve prestar contas com a realidade, assim, este homem exige que o *intérieur* sustente as suas ilusões que não podem ser sustentadas no mundo do trabalho.

Entendo que nesta diferenciação entre escritório e *intérieur*, Benjamin reforça a ideia de que na modernidade ao se controlar um tempo, em uma determinada atividade, possui-se um novo espaço. No escritório, a atividade do trabalho apresenta-se por exigências externas aos indivíduos, assim, os escritórios tornam-se lugares extremamente frios e impessoais, exatamente o contrário do *intérieur*, onde o homem privado pode estabelecer um espaço com informações mais particulares, sobre isso Benjamin diz que:

O homem privado, que no escritório presta contas à realidade, exige que o *intérieur* o sustente em suas ilusões. Esta necessidade é tanto mais urgente quanto menos ele cogita estender suas reflexões relativas aos negócios em forma de reflexões sociais. Disso originam-se as fantasmagorias do *intérieur*. Este representa para o homem privado o universo. Aí ele reúne o longínquo e o passado. Seu salão é um camarote no teatro do mundo” (BENJAMIN, 2006, p.45).

Por fim, creio que é importante ressaltar que ao ler Benjamin não temos somente uma brilhante etnografia com base nas transformações históricas que aparecem no texto dialético, mas sim, uma capacidade de entender o imaginário de uma época, que lhe possibilita sair da arquitetura para a arte gráfica, da poesia para a montagem, abrangendo vários aspectos do mundo cotidiano. Por saber entender, ler, estudar, filosofar e escrever sobre tantas coisas, em um determinado tempo, o texto de Benjamin nos aparece como se fossem vários espaços, mas deixando claro que esses espaços constituem em um só, que seria a modernidade.

Hipermodernidade e a cultura-mundo

Ao obter o controle do tempo, o homem conseguiu realizar inúmeros adventos dentro de sua vida cotidiana que facilitaram o transporte e a comunicação causando um encurtamento do mundo. O encurtamento do mundo chegou a tal ponto que cotidianamente é comum ouvirmos que as tecnologias nos afastaram de quem está perto (local), mas nos aproximaram de quem está longe (global). De certo modo, a consequência da modernidade é uma homogeneização do local com o global, Lipovetsky e Serroy (2011) nomeiam este novo tempo de hipermodernidade, e sua principal característica consiste em possuir uma nova relação entre cultura e o todo social, formando a cultura-mundo. Como os próprios autores explicitam:

Chegou o tempo em que o espaço e o tempo se globalizaram de alguma maneira: A Terra transformou-se em um microuniverso que a velocidade das redes de comunicação tornou acessível em toda parte, com uma quase instantaneidade.” (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, pp. 21- 22)

Para os autores a relação entre cultura e mundo pode ser dividida em três momentos históricos. O primeiro foi o momento religioso tradicional da cultura, em que

a cultura tradicional era a ordenação totalizante do mundo, como Lipovetsky e Serroy referem:

As maneiras de viver e de pensar, as trocas, os modos de expressão, são comandados por normas coletivas que não reconhecem o princípio da iniciativa individual e cujo foco legitimador encontra-se nas potências do invisível. A força integradora da cultura é tal que ela se manifesta sem um foco interno de questionamento de seus princípios e relatos. (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p. 12)

O segundo momento coincide com o advento das ideias liberais de igualdade, liberdade e fraternidade, junto com a laicidade e a fé na ciência, esta seria a modernidade. Para os autores, a modernidade possui em seu caráter o desejo de corrigir os erros do passado, usando como método o pensamento racional, sendo uma era voltada para o futuro e não para antigas orientações de um passado tradicional.

O conceito de hipermodernidade é uma tentativa dos autores de entender o período contemporâneo. As principais características da hipermodernidade constituem-se em um momento no qual os princípios da modernidade são verdadeiramente operantes, porém com uma revitalização de identidades coletivas herdadas do passado, além disso, o principal modelador da hipermodernidade seria a lógica do individualismo e do consumismo.

Neste momento de profunda globalização, a cultura ganha novas dimensões, com uma nova exploração econômica que culmina numa erosão das antigas fronteiras simbólicas que hierarquizavam a alta e a baixa cultura e, ao mesmo tempo, a cultura torna-se cada vez mais politizada, podendo ser trágica. Além disso, com a forte divulgação de informações, a cultura possui um grande potencial universal, mas há as resistências de culturas locais que podem se fortalecer e se ressignificar na interação com uma cultura internacionalmente hegemônica.

Com a necessidade de se ter o controle do tempo na modernidade, o desnorтеio do indivíduo ocorria na carência de métodos e informações. Entretanto, na hipermodernidade as informações e métodos movimentam-se de maneira extremamente fluída, gerando uma necessidade absurda de atualização do indivíduo e um novo tipo de desnorтеio, como os autores demonstram na seguinte passagem:

Um progresso que não é mais anunciador de uma reviravolta revolucionária do presente, e sim um prolongamento tentacular, exponencial, eficiente dele, não tendo outro horizonte que não o mercado e a democracia. Nos tempos do capitalismo absoluto, em que tudo é concorrência, em que tudo prolifera e se multiplica ao infinito, é preciso ser sempre mais moderno, reativo, informado, eficaz, o que não se dá sem pressões provocadas de ansiedade e dúvidas sobre si próprio. Não é mais da carência que nasce o desnorteio; é do hiper. É ele que convém interrogar. (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, pp. 23-24)

Como já foi apontado neste trabalho, o efeito do encurtamento do mundo como gerado no contexto da hipermodernidade estabelece uma nova relação de espaço e tempo. Para ampliar o conhecimento sobre como o cotidiano lidou com esse encurtamento recorro aos estudos de Manuel Castells (2003) na obra *Sociedade em Rede*.

Uma nova relação entre tempo e espaço

Em *Sociedade em Rede* (2003), Castells entende que a sociedade contemporânea possui estruturas que podem se expandir de maneira ilimitada, por meio da configuração de uma sociedade em rede e que representa uma transformação qualitativa da vida contemporânea. Porém, o avanço da internet, possibilitando a conexão em rede, apresenta um novo modelo de sociedade, que nos apresenta uma nova relação entre tempo e espaço, pois, para o autor, o tempo e o espaço não podem ser entendidos independente da ação social que foi transformada pela aceleração das relações cotidianas possibilitadas pelo acesso à internet.

Para Castells, a sociedade em rede possui um espaço próprio, que é o espaço dos fluxos, entendendo fluxos como sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, políticas e simbólicas da sociedade.

O espaço de fluxos seria constituído por duas partes. A primeira consiste no seu suporte material, que seriam circuitos de impulso como comunicação e transporte. A segunda seria os nós, que são os centros de comunicação entre os agentes.

Como podemos perceber, a principal característica dos espaços de fluxos está no fato de não possuir uma fronteira rígida, ao contrário do que se é apresentado no espaço

de lugar; espaço este no qual se desenvolveu o capitalismo e o estatismo, por meio do desenvolvimento da era moderna, caracterizado pelo local da independência entre a forma e o significado dentro das fronteiras da continuidade física.

Castells também entende um tempo próprio da sociedade em rede. Este tempo seria relativo aos impactos dos interesses sociais opostos a sequência dos fenômenos, havendo assim dois tipos de tempo: o primeiro seria o tempo da simultaneidade e o segundo, particular da sociedade em rede, seria o tempo da intemporalidade, que levaria em conta a possibilidade de um agente, ou agentes, realizar(em) uma colagem temporal em que o começo, o fim e a sequência se apresentassem de forma aberta, e não fechada de maneira sincrônica.

Assim, na sociedade em rede o tempo apresenta-se como eterno e efêmero. Eterno, por alcançar toda a sequência passada e futura das expressões culturais. Efêmero, por depender do contexto e do objetivo da construção social solicitada. Ou seja, o tempo intemporal ocorre quando as características de um dado contexto causam uma confusão sistêmica na ordem sequencial dos fenômenos sucedidos, sendo um tempo próprio dos espaços de fluxos, como diz Castells:

O tempo intemporal pertence ao espaço de fluxos, ao passo que a disciplina tempo, o tempo biológico e a sequência socialmente determinada caracterizam os lugares em todo mundo, estruturando e desestruturando materialmente nossas sociedades segmentadas.(CASTELLS, 2003, p. 557).

Com isso, podemos entender o que Castells chama de a vingança do espaço, pois, se o domínio do tempo, transformaram o espaço no movimento de industrialização e urbanização, realizados pela formação do capitalismo e estatismo, ou seja, o tempo moldando o espaço. O que ocorre hoje é justamente o contrário, ou seja, o espaço estrutura o tempo em lógicas diferentes, de acordo com a dinâmica espacial.

Conclusão

Como vimos, há uma mudança no estilo de vida moderno para o hipermoderno, do espaço de lugar para um espaço de fluxos e de um tempo da simultaneidade para um tempo intemporal. A leitura desses diferentes contextos foram feitas por meio da análise

da vida cotidiana, assim como a possibilidade de constatar a passagem de um período histórico para um outro.

Pessoalmente, não acredito que esta análise poderia ser feita com a análise do mundo científico, pois a produção científica é extremamente moderna na sua metodologia de produção, tendo um controle de um tempo para se gerar um espaço de conhecimento. Assim sendo, defendo que o principal mérito dos autores aqui trabalhados foi ter como recorte o mundo da vida.

Em *A invenção do cotidiano* (1998), Michael de Certeau trabalha com a ideia de que o homem ordinário pode fornecer ao discurso um meio de generalizar um saber particular e garantir por toda a história a sua validade. Ou seja, trata-se em mostrar como o discurso comum introduz novas técnicas, e pode reorganizar o lugar de onde se produz o discurso legítimo.

Sendo assim, se a metodologia na produção do conhecimento científico continua tendo o controle do tempo como um gerador de espaços, o homem ordinário em suas novas formas de ver filmes, ler livros e conhecer o mundo, acaba sendo a figuração de um novo momento histórico.

Referências

BENJAMIN, Walter. Paris, A capital do século XIX. *In: Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 39-51.

CASTELLS, Manuel. A teoria social de espaço e a teoria do espaço de fluxos. *In: Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 499-507.

CASTELLS, Manuel. Espaço de fluxos e espaço de lugares. *In: Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 512-518.

CASTELLS, Manuel. Tempo, espaço e sociedade: o limiar do eterno. *In: Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 555-560.

CERTEAU, Michael. Um lugar comum, a linguagem ordinária. *In: A invenção do cotidiano*. Editora Vozes, 1998. p. 59-75.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. Introdução. *In: A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 7-29.